



**“COM CIÊNCIA NEGRA” – SABERES, PRÁTICAS E
FILOSOFIAS AFRICANAS E AFRODESCENDENTES
REFLEXÕES SOBRE A AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES
NEGROS E NEGRAS NO ÂMBITO DO PROJETO
AFROCIENTISTAS**

Marinês Barbosa de Oliveira¹

*Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais- CEFET/MG
Departamento de Formação Geral
Curvelo, MG, Brasil.*

Leandro Tiago Gomes Ferreira²

*Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG
Departamento de Engenharia Civil
Curvelo, MG, Brasil.*

Resumo: Este artigo relata a experiência do Projeto “Com Ciência Negra – saberes, práticas e filosofias africanas e afrodescendentes”, desenvolvido pelo NEAB – CEFET – MG - Campus Curvelo, durante o ano de 2022, no âmbito do Projeto Afrocientista. A partir da metodologia da pesquisa-ação, o projeto buscou contribuir para dirimir a desidentificação dos estudantes negros e negras com as áreas de ciência e de tecnologia, e denunciando o caráter eurocentrado dos currículos escolares e acadêmicos, problematizando o apagamento dos saberes e conhecimentos produzidos por pessoas negras - africanas e afrodescendentes. Durante o desenvolvimento do projeto, observou-se que alguns estudantes mantinham uma postura de silenciamento e apagamento voluntário, indicando problemas relacionados à autoestima rebaixada e à autoimagem subalternizada. A partir das contribuições de importantes intelectuais negros, sobretudo, Frantz Fanon e Carter Woodson, buscou-se a compreensão dessa conduta relacionando-a aos processos de negação e inferiorização epistêmica dos sujeitos negros e negras,

¹ Professora de Filosofia e Introdução ao Direito do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Campus Curvelo. Licenciada em Filosofia, Bacharel em Direito, Mestre em Filosofia e História da Educação. Doutoranda em Filosofia. Coordenadora do NEAB – Campus Curvelo. Coordenadora do Projeto Afrocientista no CEFET-MG. E-mail: marinesdias2@gmail. ORCID: 0000-0001-5268-975X.

² Graduando em Engenharia Civil do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Campus Curvelo. Graduando em Psicanálise. UNINTER Bolsista do Projeto Afrocientista. E-mail: leandrothiago789@gmail. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2911-9555>.



reproduzidos historicamente pelas instituições sociais, sobretudo, a escola e que são introjetados por jovens estudantes. Conclui-se pela importância da manutenção e do fortalecimento de iniciativas como o Projeto Afrocientista, entendido como uma proposta de ação afirmativa da identidade negra no espaço escolar /acadêmico, que vem contribuir na luta contra o racismo em suas diferentes manifestações, sobretudo, no campo epistêmico.

Palavras-Chave: Afrocientista; Autoestima; Racismo Epistêmico; Frantz Fanon; Carter Woodson.

**“WITH BLACK SCIENCE” – AFRICAN AND AFRO-DESCENDANT
KNOWLEDGE, PRACTICES AND PHILOSOPHIES
REFLECTIONS ON THE SELF-ESTEEM OF BLACK ADOLESCENTS
WITHIN THE AFROCIENSTISTES PROJECT**

Abstract: This article reports the experience of the Project “With Black Science – African and Afro-descendant knowledge, practices and philosophies”, developed by NEAB – CEFET – MG Campus Curvelo, during the year 2022, within the scope of the Afroscientist Project. Based on the action-research methodology, the Project sought to contribute towards resolving the disidentification of black students with the areas of science and technology, denouncing the Eurocentric character of school and academic curricula, problematizing the intention to erase the knowledge produced by black, African and Afro-descendant people. During the development of the project, it was observed that some students maintained a posture of silencing and voluntary erasure, indicating problems related to lowered self-esteem and a subordinated self-image. From the contributions of two important black intellectuals, Frantz Fanon and Carter Woodson, we sought to understand this conduct by relating it to the processes of denial and epistemic inferiority of black men and women historically reproduced by social institutions, above all, the school. This is inserted into the subjectivity of young students. It is possible to conclude that it is important to maintain and strengthen initiatives such as the Afroscientist Project, understood as a proposal for affirmative action of black identity in the school/academic space, which contributes to the fight against racism in its different manifestations, above all, in the field epistemic.

Keywords: Afroscientist; Self esteem; Racism; Frantz Fanon; Carter Woodson.

**“CON CIENCIA NEGRA” – CONOCIMIENTOS, PRÁCTICAS Y FILOSOFÍAS
AFRICANAS Y AFRODESCENDIENTES
REFLEXIONES SOBRE LA AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES NEGROS
EN EL ÁMBITO DEL PROYECTO AFROCIENSTISTAS**

Resumen: Este artículo relata la experiencia del Proyecto “Con Ciencia Negra – saberes, prácticas y filosofías africanas y afrodescendientes”, desarrollado por NEAB – CEFET – MG Campus Curvelo, durante el año 2022, en el ámbito del Proyecto Afrocientista. Basado en la metodología de investigación-acción, el Proyecto buscó contribuir a resolver la desidentificación de los estudiantes negros con las áreas de ciencia y tecnología, denunciando el carácter eurocéntrico de los currículos escolares y académicos, problematizando el borrado de saberes producidos por negros, africanos y afro -personas descendientes. Durante el desarrollo del proyecto se observó que algunos estudiantes



mantuvieron una postura de silenciamiento y borrado voluntario, indicando problemas relacionados con la baja autoestima y una autoimagen subordinada. A partir de las contribuciones de dos importantes intelectuales negros, Frantz Fanon y Carter Woodson, se intentó comprender este comportamiento relacionándolo con los procesos de negación e inferioridad epistémica de los sujetos negros reproducidos históricamente por las instituciones sociales, especialmente la escuela, y que son introyectados en la subjetividad de los jóvenes estudiantes. Se concluye que es importante mantener y fortalecer iniciativas como el Proyecto Afrocientista, entendido como una propuesta de acción afirmativa de la identidad negra en el espacio escolar/académico, que contribuye a la lucha contra el racismo en sus diferentes manifestaciones, sobre todo, en el campo epistémico.

Palabras-clave: Afrocientífico; Autoestima; Racismo Epistémico; Frantz Fanón; Carter Woodson.

**« AVEC LA SCIENCE NOIRE » – SAVOIRS, PRATIQUES ET
PHILOSOPHIES AFRICAINS ET AFRO-DESCENDANTS
RÉFLEXIONS SUR L'ESTIME DE SOI DES ADOLESCENTS NOIR DANS LE
CADRE DU PROJET AFROCIENSTISTES**

Résumé: Cet article raconte l'expérience du projet "Avec la science noire - connaissances, pratiques et philosophies africaines et afro-descendantes", développé par NEAB - CEFET - MG Campus Curvelo, au cours de l'année 2022, dans le cadre du projet "Afrocientiste". Basé sur la méthodologie de la recherche-action, le projet a cherché à contribuer à résoudre le manque d'identification des étudiants noirs avec les domaines de la science et de la technologie. Basé sur la méthodologie de la recherche-action, le projet a cherché à contribuer à résoudre le manque d'identification des étudiants noirs avec les domaines de la science et de la technologie, dénonçant le caractère eurocentrique des programmes scolaires et académiques, problématisant l'effacement des savoirs et des connaissances produits par les personnes noires, africaines et afro-descendantes. Au cours de le développement du projet, il a été observé que certains élèves maintenaient une posture de silence et d'effacement volontaire, indiquant des problèmes liés à une baisse d'estime de soi et à une image de soi subordonnée. À partir des apports de deux intellectuels noirs importants, Frantz Fanon et Carter Woodson, nous avons cherché à comprendre cette conduite en la rapportant aux processus de déni et d'infériorité épistémique des hommes et des femmes noirs historiquement reproduits par les institutions sociales, et surtout l'école et que sont introyectés dans la subjectivité des jeunes étudiants. Ainsi, on peut conclure qu'il est important de maintenir et de renforcer des initiatives telles que le projet "Afrocientiste", compris comme une proposition d'action affirmative de l'identité noire dans l'espace scolaire/académique, qui contribue à la lutte contre le racisme dans ses différentes manifestations, avant tout, dans le domaine épistémique.

Mots-clés: Afrocientiste; Estime de soi-même; racisme épistémique; Frantz Fanon; Carter Woodson.



INTRODUÇÃO

O Projeto Afrocientista, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) tem o objetivo de aproximar os/as jovens negros/as com alto potencial de engajamento acadêmico e social, oriundos/as de classes econômicas vulnerabilizadas ao ambiente acadêmico, mediante participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, desenvolvidas pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros – NEABs e entidades correlatas. Sustentado em três pilares: iniciação às práticas da ciência, instrumentalização sobre o fazer ciências e formação para a cidadania e mobilização social (Amauro; Canavarro, 2018, p. 2) o Afrocientista é desenvolvido em parceria com diversas instituições federais localizadas em diferentes regiões do país³ e tem como eixo norteador o combate a um dos efeitos mais deletérios do racismo contra negros e negras, qual seja: a introjeção na subjetividade de crianças e adolescentes da imagem do negro como “naturalmente” incapaz de produzir conhecimento científico e tecnológico. Diante dessa realidade, o Projeto Afrocientista apresenta-se como uma proposta de ação afirmativa da identidade negra no espaço escolar/acadêmico e vem oferecendo importantes contribuições na luta contra o racismo em suas diferentes manifestações, sobretudo, no campo epistêmico.

Desde o ano de 2021, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) participa do Afrocientista através do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Campus Curvelo (NEAB – Curvelo), em parceria com a Coordenadoria de Gênero, Raça, Ações Afirmativas e Identidades (CEGRAI). Em consonância com o objetivo estabelecido pela ABPN de “despertar a vocação científica e incentivar talentos entre estudantes negros e negras de escolas públicas de Ensino Médio, no ano de 2022 foi implementado o **Projeto “Com Ciência Negra – saberes, práticas e filosofias africanas e afrodescendentes”**, o qual, a partir de uma abordagem multidisciplinar, tem buscado contribuir para a desidentificação dos (as) estudantes negros/as bolsistas e voluntários (as) com as áreas de ciência e de tecnologia, denunciando o caráter eurocentrado dos currículos escolares e acadêmicos e problematizando o apagamento dos saberes e conhecimentos produzidos por pessoas negras, africanas e afrodescendentes.

³ A 3ª edição do Projeto realizada em 2022 contou com 12 instituições: CEFET-MG, UFU, UNB, UFG, INIFAP, UFP, IFAM, UFPB, UFM, UFAC, UFT.



Através do levantamento, organização e socialização das contribuições de cientistas, filósofos, escritores e intelectuais negros/as de diferentes campos do conhecimento, as atividades do projeto procuram fomentar a reflexão crítica sobre o racismo epistêmico na construção da subjetividade das pessoas negras e apontar saídas epistêmicas, políticas e pedagógicas à sua condição de subalternização historicamente construída. A partir das contribuições de importantes intelectuais negros, principalmente, Frantz Fanon e Carter Woodson, buscou-se a compreensão dessa condição relacionando-a aos processos de negação e inferiorização epistêmica por estudantes negros e negras, interferindo em sua autoestima.

Partindo do pressuposto da necessária relação dialética entre pesquisa e ação e acreditando ainda que a pesquisa acadêmica deva ter como função não só produzir compreensão, mas também provocar transformações da sociedade, optou-se por desenvolver este trabalho nos moldes da pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (1987, p. 14), pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e, na qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Dois objetivos são atribuídos à pesquisa-ação: a) objetivo de conhecimento: obter informações, aumentar o conhecimento sobre determinado tipo de problemática; b) objetivo prático: relacionado ao tipo de problema que a pesquisa pretende resolver ou contribuir para a resolução. Nesse sentido, a especificidade da pesquisa-ação é a presença efetiva de uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema proposto como alvo de intervenção. Sendo assim, nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas identificados, no acompanhamento e na avaliação das ações desenvolvidas para sua realização (Thiollent, 1987, s.p.). Essa escolha metodológica justifica-se pelo fato de que não se pretende apenas identificar os problemas relativos ao desconhecimento e apagamento das contribuições de intelectuais negros e negras na história do desenvolvimento das ciências e da tecnologia, mas principalmente, contribuir para a superação dessa espécie de violência, de modo que, os sujeitos envolvidos desenvolvam condições de promover mudanças em sua própria conduta e na dos grupos dos quais fazem parte.



DESENVOLVIMENTO

O projeto “Com Ciência Negra – saberes, práticas e filosofias africanas e afrodescendentes”, foi desenvolvido durante o ano de 2022 em três instituições públicas de Minas Gerais, a saber: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG/ Campus Curvelo, Escola Estadual Irmã Clarentina, também localizada na cidade de Curvelo e Escola Estadual Jardim Linhares, localizada em Belo Horizonte⁴. A decisão de trabalhar com três instituições situadas em cidades diferentes foi tomada com o objetivo de formar uma rede de atores/sujeitos que se afetassem mutuamente e se fortalecessem, sobretudo, em torno do combate ao racismo epistêmico reproduzido pelas instituições de ensino através de seus currículos (oficiais e ocultos).

A seleção dos estudantes que integrariam o projeto ocorreu após uma palestra inicial ministrada em dias distintos nas instituições parceiras, na qual foram apresentados os objetivos gerais do Projeto Afrocientista, seu histórico, sua estrutura e suas conquistas e os objetivos específicos do Projeto “Com Ciência Negra”. Após a palestra os/as estudantes puderam manifestar livremente seu interesse em participar ou não do projeto. Dentre aqueles que quiseram integrar a equipe, foram selecionados pelos gestores das instituições parceiras, os estudantes contemplados com a bolsa de estudos ofertada pelo Instituto UNIBANCO e aqueles que atuavam de forma voluntária. O critério utilizado nessa seleção foi o de maior vulnerabilidade econômica e familiar. Posteriormente, houve a aplicação de questionário socioeconômico e cultural, a partir do qual foi delineado o perfil geral dos participantes. O grupo dos bolsistas foi predominantemente composto por estudantes do sexo feminino (apenas 2 eram do sexo masculino), os quais estavam na faixa etária de 15 a 18 anos, 9 (nove) autodeclarados negros/as (pretos ou pardos), 1 autodeclarado branco.

O Projeto “Com Ciência Negra” foi realizado no decorrer de 9 (nove) meses, com início em abril e término em dezembro de 2022, período que compreendeu desde a seleção dos estudantes até a finalização com os relatos de experiências e a entrega do relatório final. Ao longo desse período, foram desenvolvidas atividades de estudo e interação, como oficinas, rodas de conversa, palestras, sessão comentada de filmes e documentários, cujas temáticas abordaram assuntos como: formas diferentes de

⁴ Nessa instituição as atividades presenciais foram coordenadas pelas professoras Geisiele Rita de Oliveira e Araceli Maria de Souza.



conhecimentos, método científico, racismo, preconceito, história da África, políticas de ações afirmativas, democracia, estereótipos raciais, discriminação racial na escola e mito da democracia racial, dentre outros.

Com o objetivo de facilitar a participação de todos/as, as atividades foram desenvolvidas de modo híbrido, com periodicidade semanal ou quinzenal, dependendo das condições e disponibilidade dos estudantes. Os encontros virtuais ocorreram por meio de plataformas de reuniões digitais e as atividades presenciais foram realizadas nas dependências das escolas parceiras, ou seja, no Campus do CEFET- MG - Curvelo (auditório e sala do NEABI), sala de vídeo da E. E. Irmã Clarentina e salas de aula e laboratórios da E. E. Jardim Linhares.

Durante as atividades, os estudantes eram estimulados à participação ativa, especialmente por meio de perguntas, exercícios e planos de discussão, remetendo às situações vivenciadas por eles com vistas à construção de novas formas de leitura e posicionamento frente aos diversos contextos de desigualdade e violência nos quais a juventude negra tem sido alvo constante. Como fundamentação teórica para as discussões foram utilizadas obras de autores/as negros/as que problematizavam o apagamento de africanos e afrodescendentes nos campos das ciências e da tecnologia, bem como as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos em se constituírem, na atualidade, como produtores/as de conhecimentos relevantes. De acordo com Souza (2022) e Gomes (2010) essa situação tem relação direta com a violência do processo colonial e com a hegemonia dos conhecimentos produzidos pelos colonizadores, ainda reproduzidas pelas instituições de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as muitas dificuldades enfrentadas para a realização das atividades previstas no projeto, tais como impedimentos de ordem econômica, ideológica, religiosa, os quais impediram alguns bolsistas de permanecerem na equipe, sendo substituídos ao longo do desenvolvimento das ações, um aspecto se sobrepôs aos demais, qual seja: a recusa reiterada de parte dos/as estudantes em participar de forma ativa das discussões propostas, seja de forma oral ou escrita. Apesar de estarem presentes na maioria dos encontros, tanto virtuais, como presenciais, alguns estudantes não expressavam suas dúvidas, não emitiam opiniões ou compartilhavam suas impressões sobre as temáticas



discutidas, mantendo-se calados e, quase sempre, com a câmera desligada nos encontros virtuais ou fora da formação em círculo, nas reuniões presenciais. Essa postura de recusa ou negação era justificada nos recorrentes argumentos apresentados pelos (as) estudantes como forma de se esquivar das atividades propostas:

Coordenadora: *“Amanhã iremos fazer uma visita técnica na universidade. Estudantes - Eu não posso, tenho que olhar meu irmão para minha mãe. Eu não tenho roupa. Eu não vou porque as pessoas vão ficar olhando para mim lá.”*

Coordenadora: *“Por favor, abram a câmera e leiam o que produziram.”*

Estudantes: *“Meu microfone não quer pegar.” “Minha câmera não quer abrir.” “Minha internet está travando”.*

Por vezes, essa recusa tomava a forma de respostas aparentemente não reflexivas ou acrílicas em relação às temáticas que norteavam a discussão.

“O que você pensa sobre o racismo?”. “Eu acho que não existe racismo, todo mundo tem uma opinião sobre a outra pessoa”.

Essa conduta não colaborativa acabou por configurar-se como um grande obstáculo para o desenvolvimento de diversas atividades, uma vez que, os/as estudantes deveriam ser os/as protagonistas das ações e não apenas os/as receptores das informações. Ademais, a recusa em entregar as atividades solicitadas ou mesmo, colaborar nas produções conjuntas, culminava em atrasos no cronograma ou mesmo suspensão de atividades previstas.

A princípio entendidas como uma forma de rebeldia ou resistência às tarefas propostas (devido ao conteúdo polêmico ou pela metodologia utilizada), tais atitudes acabaram por revelar uma questão bem mais complexa, a qual, inclusive, mantinha relação direta com a problemática que subsidiava o projeto: em que medida a recusa dos estudantes em participar das atividades propostas poderia estar relacionada ao fato de não se consideravam competentes o bastante para isso? Essa questão foi debatida com os/as próprios/as estudantes quando questionados/as, em conversas privadas, sobre o motivo de seu silêncio e apagamento voluntários. Durante essas conversas os/as estudantes indicaram uma imagem negativa de si, ou seja, uma autoestima rebaixada e preferiam não se expor ao grupo porque sentiam insegurança, medo e vergonha. Conforme suas próprias palavras, não queriam falar porque acreditavam que “não tinham nada de relevante a dizer”. Não queriam demonstrar o que sabiam porque acreditavam “nada saber”. Não



queriam ligar a câmera porque se sentiam “feios/as” ou porque o ambiente onde residiam era muito simples ou estava repleto de outras pessoas.

De acordo com Silva *et al* (2015, s.p.), um dos principais indícios da baixa autoestima é a atitude de distanciamento e isolamento. A pessoa que tem uma imagem negativa de si prefere manter-se afastada de grupos, reuniões ou situações nas quais deverá interagir com outras pessoas. Contudo, quando esse isolamento físico não é possível, o sujeito adota uma postura de silenciamento e invisibilidade e se mantém paralisado diante de situações nas quais é exigida sua participação ativa. Essa espécie de “apagamento voluntário” acontece pela desvalorização de si, uma vez que se considera inferior ou menos capaz que as outras pessoas que o cercam. Essa desvalorização de si perante os outros bloqueia as ações, dificultando a transmissão de sentimentos e opiniões. Esse bloqueio acontece por insegurança, pois o receio da reprovação impede que a pessoa se expresse. O medo excessivo do erro ou do julgamento do outro é uma característica acentuada da baixa autoestima, uma vez que há um não reconhecimento do seu próprio potencial, bem como, o receio da reprovação social.

Os problemas relacionados à baixa autoestima, insegurança ou isolamento são comuns na adolescência. Segundo a pesquisa intitulada *A visão que os adolescentes têm de si: imagens nos espelhos* (2004, s.p.), adolescentes com baixa autoestima costumam se desvalorizar, demonstrar insatisfação, apresentarem dificuldade para identificar algo em si do que se orgulhar, nutrir um sentimento de fracasso e não estar seguros se possuem boas qualidades (Assis; Avanci, 2004, p. 57). No caso de estudantes negros/as periféricos, essa situação ganha contornos específicos: a autoimagem construída por esses sujeitos é afetada, sobremaneira, pela discriminação étnico-racial negativa à qual são submetidos desde a infância.

Com efeito, preconceitos, violência, marginalização, ensino de má qualidade, dificuldade em aceitar traços fenotípicos, limitação do vocabulário, necessidade de conciliar trabalho e estudos, são alguns dos desafios que os jovens negros/as precisam superar em sua vida escolar. Os efeitos psicológicos que essas condições provocam, moldam a conduta e a maneira como esses indivíduos pensam, produzem e sentem. Por não acreditarem em si, apresentam dificuldades de realizar determinadas atividades ou se recusam a assumir posições de liderança ou protagonismo. Esse processo de desvalorização e estigmatização das pessoas negras é uma das heranças da violência colonial e escravagista responsável por transformar milhões de sujeitos em figuras



despersonalizadas (Gomes, 2010, p. 420). Tal desvalorização está na base dos estereótipos depreciativos que são construídos e reproduzidos em nossa sociedade através de suas instituições, inclusive, a escola. Por internalizarem esses estereótipos ao longo da vida, os adolescentes negros/as tendem a desvalorizar a cultura africana, sua aparência e seus conhecimentos ao mesmo tempo em que supervalorizam os referenciais estéticos, epistêmicos e comportamentais dos europeus. A negação de características que fazem parte da sua identidade pode causar transtornos emocionais, de pensamento e de comportamento, por isso se faz tão importante a representatividade negra em diferentes espaços de poder, sobretudo, nos currículos e referenciais de produção intelectual (Gomes, 2010, p. 423).

Na tentativa de compreender esse processo socialmente construído de desvalorização de si, nos apoiaremos nas reflexões de dois intelectuais negros, os quais, pela força de suas palavras e a potência de suas ações contribuem sobremaneira para o fortalecimento do combate ao racismo, levando essa problemática para ser discutida como o objeto de estudo, nos ambientes acadêmicos: Frantz Omar Fanon (1925-1961) e Carter Woodson (1875-1950). Não pretendemos empreender em uma análise profunda do pensamento dos supracitados pensadores, mas sim, apresentar, de forma assumidamente modesta, o modo como cada um deles pensou os mecanismos de produção e reprodução do racismo e suas consequências na construção da subjetividade das pessoas negras. O objetivo dessa análise é lançar luz à situação vivenciada durante as atividades do Projeto Com Ciência Negra, buscando melhor compreendê-las.

FRANTZ FANON - O COMPLEXO DE INFERIORIDADE DO NEGRO

Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado. Fanon (1983)

Frantz Omar Fanon (1925-1961), nascido na Ilha de Martinica, foi um filósofo e psiquiatra martinicano, considerado autor chave para o entendimento do racismo como um sistema ideológico que hierarquiza a humanidade e que tem sido produzido e reproduzido como estrutura de dominação durante séculos pelo sistema imperialista/ocidentalocêntrico/cristianocêntrico/capitalista/patriarcal/moderno/colonial (Grosfoguel, 2016, p. 32).



Durante sua breve, porém, intensa vida, se dedicou a pensar os efeitos da experiência colonial no continente africano na diáspora e na luta para libertar “os condenados da terra” de suas instituições coloniais e racistas (Faustino, 2020, p. 10). Suas obras explicitam um humanismo radical, com elementos que vão desde a fenomenologia existencial até o marxismo, frisando algumas críticas ao movimento da negritude (Faustino, 2018, p. 1).

Em seu livro *Peles Negras, Máscaras Brancas*, escrito inicialmente como uma tese que foi rejeitada pelo orientador, Fanon (1983) compreende o racismo como elemento central, operador psíquico da dualidade entre colono e colonizador, branco e negro, no colonialismo. Esse sistema profundo e complexo será observado por ele como alicerce fundamental para a empreitada colonial e a manutenção da dominação europeia sobre “outros” povos. Esta discussão será importante para compreensão do racismo como elemento fundante do processo histórico de construção do ocidente e também para compreender simplificações desse processo na construção da subjetividade dos jovens negros/negras.

Como psiquiatra, Fanon debruça-se sobre a esfera psicológica dessa dominação e considera que as estruturas coloniais são introjetadas na subjetividade do colonizado fazendo que este passe a agir, pensar e desejar conforme os papéis que lhe são atribuídos nas sociedades organizadas pela estrutura maniqueísta produzida pela ideologia racista. Na perspectiva por ele defendida, a imagem que o negro tem de si não é só uma questão individual, mas está diretamente condicionada pelos estereótipos e fabulações construídas pelos colonizadores brancos acerca do negro.

De acordo com Fanon, o colonialismo como um modo de exploração violento por si só, é reproduzido de forma explícita pelo colonizador para organizar a vida social. Essa violência não se restringe à dominação econômica e territorial, ela atinge também a subjetividade do colonizado. Não basta que o colonizador subjugu e proclame a inferioridade do colonizado. É preciso que o próprio colonizado acredite e expresse essa inferioridade atribuída pelo colonizador até que entenda que é melhor se revestir de elementos culturais do colonizador e esquecer sua própria cultura (Fanon, 1983, s.p.).

Para Fanon, o colonizador europeu possui no inconsciente da coletividade o que chama de “complexo de autoridade”, ou seja, a ideia de si mesmo como um tipo superior



de homem⁵. É através desse complexo que se justifica a sujeição de outros grupos humanos. Segundo o pensador martinicano (1983), tendo a racionalidade como maior valor humano, o europeu se autoconstrói como ser racionalmente superior ao mesmo tempo, em que atribui às/aos negros/as características ligadas ao instinto e à barbárie. Dessa forma, na medida em que desumaniza o negro, o colonizador europeu super-humaniza a si mesmo. Nessa perspectiva, afirma Fanon: “A inferiorização do negro é o correlato nativo da superiorização europeia” (1983, p.77). Dito de outra forma, de acordo com Fanon, somente se pode falar de um “complexo de inferioridade do negro”, na medida em que se reconhece que este é engendrado no negro pelo sentimento de superioridade do branco (Fanon, 1983,s.p.).

Nessa perspectiva, segundo Fanon, o processo de descolonizar-se, ou seja, desvencilhar-se dos sentimentos que amputam as possibilidades de atuação segura e produtiva no mundo, trata-se, sobretudo de uma ruptura dos elementos que representam amarras no âmbito mental, cultural, assim como intelectual e cognitivo. De acordo com o filósofo e militante, não se pode pretender alcançar autonomia de ação, sem antes conquistar a autonomia de pensamento (Fanon, 1983, s.p.).

CARTER G. WOODSON - A ESCOLA COMO LUGAR DE DESEDUCAÇÃO DO NEGRO

Os negros aprendem a admirar o hebraico, o grego, o latim e o alemão e a desprezar o africano. Woodson - 2021

Carter Godwin Woodson (1875-1950) nasceu nos Estados Unidos, no estado da Virgínia. Foi historiador, jornalista e fundador da Associação para o Estudo da Vida e da História Afro-Americanas. Filho de ex-escravizados, Woodson compôs a primeira geração de negros nascidos livres nos Estados Unidos. Sua educação formal foi interrompida por diversas vezes por conta do trabalho que exercia em minas de carvão. Considerado o pai da história negra americana, Woodson foi o segundo negro dos Estados Unidos a obter um PhD pela Universidade de Harvard, na qual, posteriormente, foi professor (Silva, 2020, s.p.).

⁵ Fanon diz: “Há na Martinica duzentos brancos que se julgam superiores a trezentos mil elementos de cor. Na África do Sul devem existir dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a nenhum branco” (1983, p. 77).



Em sua obra seminal, *A Deseducação do Negro*, publicada em 1933, Woodson denuncia que a educação que as pessoas negras recebiam nos Estados Unidos não era um instrumento de emancipação e fortalecimento, pelo contrário, servia como instrumento de subalternização, conformação e submissão às práticas de dominação perpetradas pelo racismo inerente à sociedade norte-americana. De acordo com o historiador (2021, s.p.), os conteúdos das diferentes disciplinas e cursos valorizavam os conhecimentos produzidos desde a Europa, ao mesmo tempo em que inferiorizavam ou simplesmente, negavam os saberes de outras culturas, principalmente as de matrizes africanas. A tese defendida por ele é a de que, nos Estados Unidos do pós-abolição, a educação formal era propositalmente concebida e organizada para ensinar o negro qual era o seu lugar no mundo. Esse lugar era da submissão, sujeição e dependência. Segundo ele, a ideia de inferioridade transpassa o Negro em quase todas as aulas de que participa e em quase todos os livros que estuda” (Woodson, 2021, p. 12). Segundo suas palavras

(...) embora sirva ao seu país, ele deve servir dentro de um grupo específico. Embora seja um bom americano, deve ser acima de tudo um “bom Negro”; e para cumprir essa função definida, deve aprender a ficar num “lugar de Negro” (WOODSON, 2021, p.13)

Woodson denuncia (2021,s.p.) que as instituições de ensino, inclusive, aquelas voltadas à população afrodescendente, eram “lugares onde os negros deveriam ser convencidos de sua inferioridade”. Nesse sentido, se preocupa em saber se essas pessoas assim ‘educadas’ estão realmente equipadas para enfrentar os desafios da sociedade de forma autônoma ou se, inconscientemente, acabam por contribuir para sua própria ruína, perpetuando o regime do opressor (Woodson, 2021,s.p.).

O posicionamento de Carter G. Woodson é corajoso e incisivo. De acordo com Silva (2020.s.p.), o autor rebate a ideia predominante à época de que seria correto que os negros fossem tutelados pelos brancos, sob o pressuposto de que seriam intelectualmente incapazes e que, por isso, deveriam ser gratos pela ajuda recebida para o seu desenvolvimento. Woodson demonstra que um sistema baseado nessa premissa, não prepara os estudantes negros/as para o sucesso e, além disso, o impede de criar uma identidade própria, doutrinando-o para que assuma uma posição de pária social. O historiador defende que o negro, enquanto consumidor e pagador de impostos (como os brancos), deveria pertencer à ordem social e ter oportunidades ilimitadas de se tornar o melhor de si. Essas oportunidades também não deveriam ser “determinadas de fora para



dentro” por forças que direcionam o elemento proscrito de modo a apenas beneficiar os outros, mas sim serem determinadas pela constituição do próprio negro e por aquilo que seu ambiente exigisse (Woodson, 2021, p. 23-24).

Em sua obra, Woodson denuncia o papel das instituições de ensino na domesticação intelectual dos negros, apresenta diferentes exemplos de sua época que ilustram essa situação no contexto norte-americano, mas também apresenta caminhos possíveis de superação desse estado de coisas. Ele propõe uma “nova educação”, a partir da qual o sujeito negro seja (des) educado em relação à servidão e que seja estimulado a ser um autodidata, independentemente de onde esteja e que, a partir daí, não permita que lhe doutrinem a querer menos.

Woodson defende que a educação deveria ser voltada para incentivar os negros a se tornarem cidadãos produtivos e críticos de seu lugar na sociedade americana e que, a partir daí, pudessem lutar por seus direitos e interesses. Ele argumentava que a educação deveria incluir um estudo aprofundado da história e da cultura dos negros, a fim de ajudá-los a se reconectar com suas raízes e elevar sua identidade cultural, ao invés de estar focada apenas em habilidades básicas de leitura e escrita. Ademais, de acordo com ele, a educação deveria ser acessível a todos os negros, independentemente de sua posição social ou econômica, uma vez que seria um direito fundamental de todos os seres humanos (Woodson, 2021, s.p.).

A (Des)educação do Negro é um manifesto de libertação das amarras intelectuais gestadas pelo menosprezo pela alteridade epistêmica africana. Apesar de ter sido escrita em 1933, em um contexto bastante específico (Estados Unidos na primeira metade do século XX), apresenta situações e contradições assustadoramente atuais e ainda válidas também para a sociedade brasileira. Se assumirmos as múltiplas maneiras a partir das quais o racismo é reproduzido nas instituições de ensino, compreenderemos a necessidade de desenvolvermos de ações que, de forma objetiva e corajosa, enfrentem e desconstruam essa lógica perversa. No prefácio da edição brasileira publicada em 2021, o cantor e ativista Emicida avalia que essa obra de 88 anos funciona como uma bússola para as novas gerações e “pode oferecer soluções valiosas para que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Não obstante as aprendizagens construídas e compartilhadas durante as ações realizadas pelo “Projeto Com Ciência Negra”, desenvolvido pelo NEAB CEFET-Curvelo, no âmbito do Projeto Afrocientista, os comportamentos apresentados por parte dos/as adolescentes integrantes podem indicar o modo como o racismo, em suas múltiplas manifestações, pode influenciar na construção da imagem que esses jovens têm de si e o quanto é difícil (e necessário), romper com esse cenário. A recusa em participar de atividades nas quais suas vozes eram solicitadas, indica que esses jovens não se sentiam no direito de opinar sobre o mundo. Tal conduta vem a corroborar o que Fanon chama de “complexo de inferioridade”, o qual, segundo ele, é desenvolvido pelo negro a partir da imagem que, historicamente, o branco construiu como justificativa para a colonização. Tal imagem segue sendo reproduzida de forma estrutural em nossas sociedades através de diferentes instituições e é ratificada pelo apagamento das contribuições intelectuais de negras e negros nos campos das ciências e da tecnologia. Esse apagamento faz com que os/as estudantes não construam referências positivas sobre sua etnia.

O filósofo brasileiro Renato Noguera, denomina tal atitude como “violência epistêmica” e afirma que esta é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. De acordo com ele, em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida, seja porque não são homens; ou porque não são brancas; ou porque são pobres; ou porque não possuem diplomas; ou, simplesmente, porque partem de princípios e cânones não ocidentais (Noguera, 2012, p. 21). Nesse sentido, Noguera (2014, p. 99) adverte que para além da implementação de ações afirmativas as quais oportunizaram o acesso de grupos tradicionalmente subalternizados, como por exemplo, o sistema de cotas, é necessário – como forma de combater a legitimidade da desigualdade entre brancos e negros, que se constitua um corpo de ações afirmativas também na área dos saberes. Segundo ele, combater o que chama de “injustiça cognitiva” começa pelo esforço em deixar de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais/modernos/eurocentrados e ampliar as leituras e referências que contemplem a diversidade de origens do pensamento humano, incluindo a África como lugar de produção de saberes relevantes para a história da humanidade.

Nessa mesma perspectiva Martins, Oliveira e Souza (2022), afirmam que no âmbito dos processos educativos, as colonialidades ainda permanecerem intactas no



exercício da construção de conhecimentos formalizados. Nesse sentido, segundo os autores, com a prática educativa decolonial, “apresenta outros horizontes possíveis, outras maneiras de ver o mundo e de relacionar-se com outras culturas, corpos, raças, etnias, narrativas e estéticas” (Martins; Oliveira; Souza, 2022, p. 253).

As contribuições de intelectuais negros comprometidos com a luta contra os efeitos e consequências do racismo nos ajudam a refletir sobre a necessidade de pensarmos o quanto esta lógica colonizadora e desumanizadora imprime uma distribuição desigual não só de bens materiais, mas também de bens imateriais, limitando ou amputando os negros e negras das possibilidades de representação de si e do mundo (Faustino, 2021, p. 18). Nesse sentido, se concordarmos com pensadores como Fanon e Woodson é possível afirmar que as feridas abertas pelo racismo não se resumem às manifestações de violência física ou expropriação material. Há algo de mais profundo e dolorido. Por conta da ideologia racista e as estruturas que a sustentam e reproduzem de diferentes formas, as pessoas negras deixam de ser vistas como intelectualmente capazes e, diante de tal “fato”, acabam muitas vezes, por internalizar essa condição produzida pelo olhar do outro, permanecendo reclusas ou “encapsuladas” no que Fanon denomina de “Zona do não-Ser”, ou seja, “uma região extraordinariamente estéril e árida”, habitada pelo negro, o Outro do branco europeu, portanto, um não-homem (Fanon, 2008, s.p.). Os efeitos dessa violência são reproduzidos cotidianamente nas ruas, parques, igrejas, lojas, escolas e universidades e atingem a subjetividade dos adolescentes ainda hoje, os quais desenvolvem uma imagem estereotipada de si como figuras intelectualmente interdidas e produtivamente irrelevantes.

Com efeito, qualquer indivíduo consegue ter acesso a essa tenebrosa realidade e suas consequências, para tanto, basta visitar uma escola pública de bairro pobre, andar pelos bairros periféricos da cidade, observar qual é o fenótipo dos menores infratores, qual a cor das pessoas que mais evadem das escolas/universidades. Contudo, esses aspectos constituem apenas a ponta do iceberg, ou seja, um dos maiores desafios que um/a jovem estudante negro/a tem que enfrentar não pode ser ilustrado em manchetes. A luta é interna. O/a jovem estudante negro/a precisa, antes de tudo, ser incentivado a superar esse complexo de inferioridade que faz com que ele/ela tenha uma imagem de si mesmo/a como alguém proibido de contribuir intelectualmente para o mundo.

Dito de outro modo, a reflexão propiciada pelos autores supracitados, aponta para a hipótese de que os estudantes envolvidos com o projeto Com Ciência Negra,



permaneciam em silêncio durante as atividades nas quais sua voz era solicitada, não porque não “queriam” participar, mas porque introjetaram uma imagem de si mesmos como sujeitos epistemicamente subalternizados. Segundo a filósofa indiana Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o Subalterno Falar?* (2010, s.p.), a condição de subalternidade é a do silêncio. Nesse sentido, iniciativas como o Projeto Afrocientista e o Projeto Com Ciência Negra representam possibilidades de empoderamento de estudantes negros e negras, uma vez que buscam demonstrar por meio de ações concretas, desenvolvidas nos ambientes escolares e acadêmicos, que esses sujeitos têm muito a dizer e que através da coragem de se perceberem donos de suas próprias vozes podem e devem tornar-se protagonistas nos espaços de produção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAURO, Nicéa Quintino; BENITE, Anna M. Canavarro (Org.). Projeto Afrocientista. 2018. Disponível em

<<https://antigo.ufam.edu.br/attachments/article/9458/PROJETO%20AFROCIENTISTA%20objetivos%20e%20estrat%C3%A9gias.pdf>> . Acessado em: 22 de janeiro 2023

ASSIS, Simone Gonçalves; AVANCI, Joviana Quintes. A visão que os adolescentes têm de si: imagens nos espelhos. In: *Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p. 49-80.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Fator. Rio de Janeiro, 1983.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon: Notes on sociogeny, racism and psychosocial suffering in the thinking of Frantz Fanon. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, v. 4, n. 2, jul-dez 2020, p. 10–21. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/12211>. Acessado em 06 de janeiro de 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. Disponível em: < https://deivisonnkosi.com.br/wp-content/uploads/2020/03/SARTRE-FANON-E-A-DIAL%C3%89TICA-DA-NEGRITUDE-FAUSTINO_Deivison-2020.pdf> . Acessado em 06 de janeiro de 2023.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS. B.; MENEZES, M. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 492-516.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Estado e Sociedade*, Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016, p. 25-49. Disponível em:



<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>. Acessado em 06 de janeiro de 2023.

NOGUERA, Renato. *Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

_____. Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, n. 18, 2012, p. 62-73. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523>> . Acessado em 06 de janeiro de 2023.

MARTINS, S. P.; OLIVEIRA, H. F. de; SOUZA, L. F. de. OLIVEIRA. Discursos étnico-raciais em livro didático de língua portuguesa: problematizando colonialidades. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 41, 2022, p. 246-267. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1338>. Acessado em: 22 de janeiro de 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SILVA, Alexandra Lima da. A deseducação do negro: por que ler Carter G. Woodson nos dias de hoje? *Pensar a Educação*, 2020. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-deseducacao-do-negro-por-que-ler-carter-g-woodson-nos-dias-de-hoje/>>. Acessado em 06 de janeiro de 2023.

SILVA, Samia Paula dos Santos *et al.* *A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem*. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

THIOLLENT, Michel. *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.

WOODSON, Carter G. *A Deseducação do Negro*. São Paulo: Edipro, 2021.

Recebido em: 10/02/2023

Aprovado em: 15/03/2023